CHINA

Pequim quer renminbi na primeira liga das moedas mundiais

Governo chinês quer moeda **no cabaz do FMI. Mas este ano será difícil**

O *crash* da Bolsa chinesa foi um espécie de teste que o Fundo Monetário Internacional (FMI) deve ter monitorizado de perto. O primeiro-ministro da China, Li Keqiang, anunciou no início do ano que tinha em vista um grande objetivo para a divisa do seu país: tornar o renminbi (RMB) uma moeda de reserva internacional. Esta meta parece ter-se perdido, segundo algumas vozes mais críticas, depois dos mais recentes acontecimentos com a interferência governamental no mercado acionista.

Mas os economistas chineses discordam. "A transformação do RMB numa divisa de reserva é um objetivo estratégico nacional", diz Chen Shan'ang, da Faculdade de Ciências Financeiras da Universidade de Xiamen. A contribuição da China para o cabaz do FMI com divisas fortes é "um passo importante para a internacionalização do RMB". A 'moeda' do FMI, os direito de saque especiais (SDR no acrónimo em inglês), é constituída pelo dólar, iene, libra e euro e não reflete, neste momento, o peso da economia chinesa a nível global.

A moeda chinesa está preparada para ser valorizada a nível internacional, dizem os especialistas chineses. "O RMB é a quinta maior grande moeda em termos de pagamentos", declara Xu Mingqi, investigador na Academia de Ciências Sociais de Xangai no jornal estatal "Diário do Povo". Xi Hongcai, do Centro para o Intercâmbio Económico Internacional da China, acrescenta: "O RMB tem um papel muito limitado no sistema financeiro mundial. Não está ao nível do estatuto económico atual da China, e isso afeta o reequilíbrio financeiro global".

FMI decide este ano

No final deste ano, o FMI decide se e como vai mudar o cabaz dos SDR. A China considera o reconhecimento do RMB como a confirmação do seu estatuto como potência mundial. Mas não se trata apenas de uma questão de prestígio, diz o professor Tu Yonghong da Universidade de Renmin. "A China é a segunda maior economia, por isso não precisamos de melhorar a nossa imagem nacional. O RMB passar a moeda de reserva internacional significa que a China está a cumprir com as suas responsabilidades e obrigações enquanto um grande país".

> A China considera o reconhecimento do renminbi como a confirmação do seu estatuto como potência mundial

Devido à redução das exportações e aumento das importações, há cada vez mais renminbis a circular na economia mundial. Refere Tu: "A China desempenha um importante papel no comércio internacional e é um investidor internacional de topo. Portanto, a sociedade internacional tem verdadeira necessidade de usar o RMB para transações comerciais e de capital."

A necessidade da convertibilidade (livre câmbio para outras moedas) pode parecer óbvia. Mas as condições para atingir a meta enunciada por Li Keqiangs ainda estão longe de estar reunidas. Ao encorajar as empresas a usarem o RMB no comércio de importação e exportação, a China deu um importante passo, pensa Tu, que considera também o programa de ligação das Bolsas de Xangai e Hong Kong importante, porque facilita o investimento estrangeiro em RMB. No entanto, ainda falam alguns passos, uma vez que apenas 80% do comércio externo na moeda chinesa é livre e ainda existem deficiências no mercado de capitais.

Há ainda outro problema: o FMI mantém reservas de obrigações para manter o equilíbrio do SDR e o direito dos estrangeiros em deter obrigações em RMB é muito limitado. São alguns exemplos que mostram que o mercado de capitais chinês não é tão livre quanto o FMI espera que sejam os dos países que querem que a sua moeda se torne uma moeda de reserva (ver texto em baixo).

A questão da internacionalização do RMB foi também tópico de discussão durante a sessão de verão do Fórum Económico Mundial na cidade de Dalian, no norte da China. Li Daokui, da Universidade de Tsinghua, concorda que estes ajustamentos não surgem de um momento para o outro: "Mesmo que o RMB não seja ainda uma divisa internacional, vai sê-lo sem dúvida no futuro."

A China deve ter em conta a posição internacional do RMB, soltando-o. De acordo com Li deveria haver uma circulação nos dois sentidos com a divisa norte-americana. O seu colega Huang Yuping, professor na Universidade de Pequim, pensa que se devia dar mais atenção ao cabaz do SDR do FMI em vez de se focar demasiado nos EUA.

Um mercado financeiro "mais livre" não chega para o FMI. E deixar as coisas correrem livremente é algo que o Governo chinês não pode fazer: a economia assenta demasiado no Governo para tornar isso possível para já. Mas os chineses não consideram este problema decisivo. Como refere Tu Yonghong: "Isto, claro, desde que a economia continue a crescer, que o estatuto comercial seja consolidado, que o RMB se mantenha relativamente estável e que a procura internacional continue a subir. Por isso, quer o FMI inclua o RMB nos SDR quer não, a moeda chinesa irá gradualmente tornar-se uma moeda de reserva".

EEFJE RAMLOO
Correspondente em Pequim
economia@expresso.impresa.pt

Christine Lagarde, do FMI, com o Presidente chinês, Xi Jinping, num encontro na China em 2013 onde o tema já era discutido FOTO TYRONE SIU / REUTERS

China não cumpre regras do FMI

Maior peso do mercado na fixação do câmbio não chega. Mercado cambial ainda tem muitas restrições

A entrada da divida chinesa no cabaz dos direitos de saque especiais (SDR) é um dos temas do momento a nível global, já que a China é a segunda economia mundial mas não faz parte da 'moeda' oficial do Fundo Monetário Internacional (FMI). O Fundo nasceu no pós-guerra e, apesar de alguma evolução, reflete o mundo desse tempo. Do cabaz dos SDR fazem parte o dólar, o iene, a libra e o euro. Em Pequim, a inclusão do renminbi (RMB) é um objetivo que, para já, tem esbarrado nas exigências da instituição de Washington.

Para tornar a moeda chinesa renminbi capaz de ser uma moeda de reserva é preciso que cumpra três critérios: deve existir um livre funcionamento do mercado de capitais, as taxas de câmbio devem ser flexíveis e o Governo não deve interferir na Bolsa.

Pouco tempo depois da tão falada desvalorização do renminbi, em julho passado, o FMI declarou que a moeda não era elegível para ter este estatuto, depois de tudo o que aconteceu neste verão. Claro que a opinião não é consensual. Para Xu Hongcai, do Centro para o Intercâmbio Económico Internacional da China, é um erro: "Ajudar o RMB a tornar-se mais global poderia ajudar a elevar o crédito e o estatuto internacional da China. Se não entra para o cabaz dos SDR este ano, vai ter de esperar mais cinco anos. Isso seria obviamente tarde de mais e não favoreceria o desenvolvimento económico global".

O maior requisito é que o Governo tire de vez a mão das taxas de câmbio. A desvalorização de julho, que na prática resultou de dar ao 'mercado' — numa interpretação ligeiramente diferente do habitual nas economias ocidentais — maior peso na fixação da taxa de câmbio, foi um passo no caminho certo. Mas não foi assim tão espetacular. Até porque o banco central chinês pode influenciar o câmbio de outras formas. Por exemplo, vender divisas. Soube-se recentemente que as reservas de divisas estrangeiras estão a diminuir. Depois de anos a fazer compras, o volume está agora a diminuir: já 'só' há 3,557 biliões de dólares, contra quatro biliões há um ano.

> O banco central pode influenciar o câmbio de outras formas como, por exemplo, vender divisas estrangeiras

Além disso, há ainda diversas restrições no mercado cambial. "Ao restringir a compra de divisas estrangeiras pela população e pelas empresas o Governo mantém controlo sobre o *stock* de divisas", diz Chen Shan'ang da Universidade de Xiamen. E.R.

BREVES

Concorrência dá luz verde a venda da TAP

PRIVATIZAÇÃO A Autoridade da Concorrência aprovou esta semana a venda da TAP ao consórcio Atlantic Gateway, de Humberto Pedrosa e David Neeleman, considerando que a operação não cria entraves à concorrência, já que nenhuma das partes tem atividade nas rotas em que a companhia aérea opera.

PEDRO REIS, O EX-PRESIDENTE DA AICEP, VAI PRESIDIR O BCP CAPITAL. **TEM PARA GERIR UM FUNDO, DOTADO COM €30 MILHÕES,** DESTINADO ÀS PME

MOTA-ENGIL ÁFRICA FORA DE BOLSA
A administração da Mota-Engil pondera retirar da Bolsa a sua holding africana, cotada em Amesterdão desde novembro de 2014. A cotação transmite uma perceção errada do justo valor da casa-mãe.

Economia da energia em debate

ASSOCIATIVISMO Portugal tem uma nova associação para estudar o impacto económico do sector energético. A Associação Portuguesa da Economia da Energia, presidida por Jorge Vasconcelos (ex-presidente da ERSE), foi criada esta sexta-feira em Aveiro e fará em fevereiro de 2016 um congresso em Lisboa.

21

milhões de euros é o valor pelo qual a Glintt foi avaliada na oferta pública de aquisição lançada esta semana pela Farminveste, que já detém 49,7% do capital da empresa tecnológica. A Farminveste pagará €0,24 por cada ação da Glintt, mais 33% do que a cotação do título antes do anúncio da oferta ao mercado.